

Stadium

N.º 123 ★ 11 DE ABRIL DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



UM BOM INSTANTÂNEO COLHIDO NOS 176 QUILÓMETROS

A caminho de Tôres Vedras, a objectiva do nosso fotógrafo colheu os corredores precisamente ao passarem sob o arco romano, em flagrante contraste entre o longínquo passado e o dinâmico presente... Albuquerque, o popular «Faisca», e Eduardo Lopes, abrem a marcha. Depois, lado a lado, pedalam Mourão, Laurence, Pereira e Inácio

ACABOU O GRANDE CAMPEONATO

A carreira gloriosa do Benfica

O Torneio, bem disputado pela maioria dos concorrentes, deixou-nos boa e agradável recordação

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 18.ª jornada, a última do Campeonato Nacional, não contava para a questão do título. O Benfica era campeão, e já com tal força que nada poderia tirar-lhe a honra ou apagar-lhe o brilho. Todas as hipóteses que coubessem na última jornada não importavam: o campeão de Portugal para a época de 1945-46 era o Sport Lisboa e Benfica. Vejamos os resultados:

Académica	1	—	Sporting	2
Olhanense	0	—	Estoril	0
Pôrto	3	—	Vitória (Setúbal)	0
Benfica	5	—	Vitória (Guimarães) ..	0
Belenenses	14	—	Salgueiros	1

Estavam em suspenso vários problemas secundários, e a tanto se redizia o interesse da jornada do fim: o lugar do sub-campeão, que dependia praticamente do resultado de Santa Cruz; o 4.º posto a determinar no Lima; e a 6.ª posição em Olhão. Com a particularidade curiosa de, no que respeitava aos dois últimos problemas, colocar os interessados frente a frente. Nada de *tertius gaudet*. Quem melhores armas tivesse — que as jogasse. Como os casos se resolveram, já o leitor sabe. Estas questões enfiadas no problema grande foram decididas a favor do Sporting, do Pôrto e do Olhanense, qualquer delas como que milagrosamente. Mesmo pelo valor regalamentado dos goals. O quadro final da classificação geral é o seguinte:

CONCORRENTES	J	V	E	D	B	P
Benfica.....	18	14	2	2	79-26	30 1.º
Sporting.....	18	13	1	4	57-37	27 2.º
Belenenses	18	13	1	4	72-29	27 3.º
Pôrto.....	18	9	2	7	64-48	20 4.º
Vitória (Setúbal).....	18	9	1	8	44-49	19 5.º
Olhanense.....	18	6	4	8	41-41	16 6.º
Estoril.....	18	6	4	8	44-54	16 7.º
Vitória (Guimarães).....	18	4	4	10	32-57	11 8.º
Académica.....	18	4	1	13	33-65	9 9.º
Salgueiros.....	18	2	1	15	30-110	5 10.º

A carreira gloriosa do Benfica — ou um campeão desde a 4.ª jornada

Praticamente — o Benfica esteve sempre à cabeça: nos três primeiros domingos, acompanhado; logo na 4.ª jornada, isolado e afano. Sentindo-se tão bem no lugar que não mais o largou. De todos os assaltos sobre defender-se, e ainda atacar por sua vez. Isolado sempre. Dai dizermos: eis um campeão desde a 4.ª jornada...

O seu início, embora de triunfo, não foi lá muito de promessas de grandes feitos. A sua segunda vitória dizia-se: o *team* não impressiona. Quando venceu o Sporting, na terceira jornada, o caso esboçou-se um pouco. Havia ali um *team*. Logo a seguir, no entanto, os vermelhos tiveram o seu mais fraco período: o empate no Campo Grande contra o Olhanense, e a sua única derrota no Lima contra o Pôrto.

O *team* parecia abalado nos seus pontos fortes. Todavia, caso curioso, talvez que isso, um pouco de adversidade, tenha originado a grande reacção, dando na 7.ª jornada um triunfo brilhantíssimo em Setúbal, naquele famoso desafio da recuperação benfiquense, e na 8.ª o começo dos resultados volamos, tendo por vítima o Salgueiros.

Ao fim da primeira volta, o *team* conservava-se à frente, e como que senhor da sua superioridade: onze enérgico, ligado e homogéneo, de forte ataque e futebol alegre. No começo da 2.ª volta, o empate contra o Estoril não abalou o seu moral. Logo a seguir, o Sporting sucumbia — e o título vinha instalar-se definitivamente na casa do Benfica, com margem já tão folgada que nem a derrota contra o Belenenses, na 13.ª jornada, conseguia perturbar a sua tranquilidade. Nesta altura, em Olhão, começa o Benfica o seu fulgurante *sprint*: os seus adversários são vencidos no à-vontade próprio dos *teams* de fecunda personalidade. Quem poderá negar louros e méritos à carreira gloriosa, que acaba de contar-se, do vencedor do campeonato máximo de 1944-45, e campeão de Portugal até o fim do torneio de 1945-46? Benfica — primeiro em pontos, o *team* de mais vitórias e menos derrotas, o que marcou mais bolas e menos sofreu, isto é, o 1.º em tudo.

O lote Benfica-Sporting-Belenenses continua a afirmar a superioridade do futebol lisboeta

Os mais fortes representantes de Lisboa repartiram entre si as melhores talhadas. Bateram-se denodadamente. De modo geral — foram sempre superiores aos restantes concorrentes. A sua posição marca a sua melhor classe. Quebrando a resistência da fase de começo por parte dos mais valorosos da província, puderam, então, afirmar o seu *fundo*, um mixto de valor e experiência. Sporting e Belenenses, que andaram juntos durante muito tempo, depois da 1.ª

volta, e de certa altura em diante discutindo a 2.ª parte, que bem poderá chamar-se o lugar de sub-campeão, — destacaram-se nitidamente das restantes forças.

Os *leões* não podiam começar pior. Três derrotas em três desafios. O Sporting deu, assim, o primeiro tributo, bem pesado sacrifício, à causa que se chama *desafios fora de casa*. Dessa altura em diante — comportamento esplêndido. Mas o Sporting havia já perdido o título. A 4.ª jornada começa a ganhar e assim vai até à 11.ª. Faz vítimas como o Olhanense, o Belenenses e o Pôrto. Mas à 12.ª volta a perder contra o Benfica. Nada mais pode fazer, tanto mais empatando depois em Guimarães. Chega ao fim em 2.º lugar, e fica para a história a certeza de que, quando um *team* assenta em sólidas bases, está em condições de resistir e reagir. Esta segunda classificação é uma admirável expressão de reacção. E de saber vencer.

O Belenenses realizou uma segunda volta brilhante: ao fim da 1.ª estava em 4.º. O seu começo de prova, menos mau que o do Sporting, também não foi digno de nota. Pelo contrário — inferior ao que era lícito aguardar de suas forças. Batido em Olhão, na 3.ª jornada; logo pelo Benfica; e com um empate em Guimarães. Mais tarde, ainda a derrota contra os *leões*. Mas o Belenenses está lançado com ânimo na luta. À 10.ª jornada vence o Pôrto, com brilho, e no domingo seguinte passa para o 2.º lugar, que manteve, derrotando o Benfica. Perde com o Sporting, na 16.ª, um jogo inesquecível, devido à arbitragem, e baixa de novo para 3.º, onde fica definitivamente, após um fulgor de duas vitórias finais volamos — num *record* difícil de bater na Primeira Divisão.

Pôrto, Vitória (Setúbal) e Olhanense — Os mais valorosos e categorizados representantes da Província

O Futebol Clube do Pôrto, desmentindo vaticínios que vinham da sua própria terra, afirmou-se, logo na fase inicial, concorrente de boa força. Teve altos e baixos, provando que o *team* não tinha a devida consistência e homogeneidade. Tão depressa coisas más (a estrondosa derrota em frente do Estoril, embora anormal) como coisas boas (o triunfo sobre o Benfica).

E' de notar ainda a sua magnífica actuação já na zona do fim — envolvendo uma orientação de *team* diferente.

O Vitória (Setúbal) foi um dos grandes animadores da Prova, logo no início provocando o pânico com o seu triunfo sobre o Sporting. Causas várias afectaram a sua actuação. Caso contrário — o *team* teria ido mais longe. Mesmo assim, mostrou-se um forte adversário em sua casa e um concorrente valeroso fora dela, arrancando vários triunfos. Jogo à base da energia e da rapidez, mas também de boa combinação.

O Olhanense brilhou — sendo apontado como um *team* alegre, rápido e combativo. Até à 5.ª jornada, sem derrotas. Na 5.ª jornada tem o período de *fulgor*, o momento calmante e expresso no empate contra o Benfica no Campo Grande. Depois — começa uma série interminável de jogos fora de casa: derrotas em Setúbal, no Pôrto e no Estoril. E' o desgaste de forças que, mais tarde, se haveria de revelar mesmo nas partidas disputadas em casa.

O grupo comandado pelo Estoril — com Vitória (Guimarães), Académica e Salgueiros

A posição que estes clubes ocupavam ao fim da 1.ª volta é aquela que ocupam no fim. Eis uma nota curiosa. E' justo referir que o Estoril é o melhor dos quatro, a boa distância, e que o Salgueiros é o pior de todos. Também a boa distância.

O Estoril, para estreita, portou-se estupidamente. Com brilhos e obscuridades, é certo, sendo, porém, um adversário muito difícil de bater em sua casa — e um *team* à altura dos acontecimentos em ambiente estranho. O que é tanto mais para se destacar quanto é certo tratar-se de um clube muito ferido por lesões e outros males.

O Vitória (Guimarães) portou-se de modo a justificar a sua inclusão. Empates com o Belenenses e o Sporting, e várias vitórias, uma das quais sobre o Olhanense, já não é mau de todo. A Académica é que está em franco declínio. Conseguirá ainda reagir?

Tudo findou. Não vale a pena comentar a 10.ª jornada

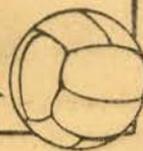
O desafio de Santa Cruz foi o mais curioso, e talvez o mais bem disputado da jornada do fim. Os *leões* venceram devido ao engodo pela bola da sua última e mais valiosa aquisição, Jesus Correia. Tanto à ponta como ao centro, foi notória a vocação de *goal* deste elemento. O Sporting anda em experiências. A Académica joga bem. Em alguns períodos — francamente bem. Com coesão, ligada. A falta de serenidade em frente das redes tirou-lhe o empate, aliás, merecido.

O Estoril comportou-se magnificamente na sua saída a Olhão. Sobre tirar partido do adversário ter a sua linha de ataque fatigada, e fechando bem a defesa, atacou com ímpeto em alguns períodos. Em ambos os lados perderam-se várias oportunidades. Cabrita continua a alinhar no posto de interior-esquerdo — mas quando passou para o centro, o ataque algarvio melhorou muito.

No Pôrto, apesar do Vitória (Setúbal) lutar com ânimo, e do princípio ao fim, o campeão do Norte demonstrou superioridade técnica, ganhando, com merecimento. Em Lisboa — Benfica e Belenenses ganharam folgadamente. Sem nunca serem inquietados. A linha de ataque de Belem tomou o gosto dos *goals*. Veremos se assim é na Taça de Portugal. Rei morto, rei posto...



NO MUNDO DA BOLA



PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

3 coisas

sobre o

PORTUGAL-ESPANHA

1.º Todos se recordam de que, no Portugal-Espanha realizado no Estádio do Lumiar, o capitão Cardoso quis trocar a bola na segunda parte que tal foi recusado.

Porquê?
O árbitro suíço Scherz esclareceu os jornais espanhóis:

Um desafio deve acabar com a mesma bola com que começou o jogo. Para mais, a bola espanhola era a única que tinha o peso regulamentar.

Sobre a medida e o peso da bola que se adopta em Portugal já temos falado várias vezes. Quando é que as bolas serão controladas pelas corporações dos árbitros?

No entanto, estes árbitros suíços sempre têm cada mania!

2.º Antes do jogo, sem se suspeitar que a decisão iria beneficiar o team português, foi muito discutida a questão de não haver substituições. Eis a curiosa opinião de Quinceoces sobre o assunto.

Estou convencido de que o jogador que joga bem um tempo também joga dois. Há, de resto, homens que jogam melhor quando se cansam. Em contrapartida, o jogador que não tenha classe será mau sempre, seja qual for o tempo que jogue.

3.º Como o notável crítico Rienzki apreciou o grupo do seu país:

Já não voltará a ter Portugal uma equipa espanhola nas condições que teve: amarrada de pés e mãos. Uma boa equipa da Primeira Divisão de Espanha—um Valência, um Madrid, um Atlético de Bilbao, um Atlético Aviación, ou Barcelona...—teriam batido o onze português por boa diferença.

Na verdade, a esta argumentação também se pode opor argumentação semelhante. E não custa nada:

—Temos o convencimento de que um Benfica, um Sporting ou um Belenenses, teriam ganho à equipa espanhola nitidamente.

E tão fácil dizer isto...

A nossa anedota ou um caso vívido!

Conta-se que um jogador vindo de África para um clube lisboeta, e ainda sem ter dado quaisquer provas do seu valor, foi assistir ao Portugal-Espanha. E no fim, não se contendo, exclamou:

—Mas então estes é que são os melhores jogadores portugueses?

Assim como quem diz:—Quando eu começar a jogar vai ser um autêntico êxito!

Veremos...

UMA SUGESTÃO

UM CONGRESSO DE ARBITROS

—cada fim de época

A arbitragem está na ordem do dia. Pessoas que se interessam por este magno assunto da bola estão a discutir, publicamente, cada qual vendo o problema pelo seu prisma, o chamado sistema de diagonal, importado há meia dúzia de anos da Inglaterra.

Nós, sem desejarmos emiscuir-nos no problema especializado, já entregue em boas mãos, chamámos na última semana a atenção de quem de direito para a diferenciação de critérios usados relativamente à Comissão Central e às Corporações Regionais: no primeiro caso, separação absoluta dos árbitros e dos dirigentes; no segundo, mistura dos árbitros e dirigentes no mesmo organismo arbitral.

Enquanto nós optamos pela primeira daquelas orientações, vários dirigentes insistem em que a segunda serve melhor o futebol. Aqui—a palavra futebol é empregada numa acepção estranha. Parecemos, no entanto, não haver dúvidas quanto ao seguinte: tendo-se adoptado um princípio geral e supremo, parece que na escala descendente da hierarquia se deveria adoptar o mesmo princípio.

Há, assim, um duplo aspecto que está em causa: o que diz respeito à organização dos árbitros e o que se relaciona com as Regras e com os sistemas de dirigir os encontros. Questões do mais palpitante interesse!

Porque não debater estes problemas de arbitragem num Congresso de Árbitros a realizar anualmente, todos os fins de época, quando os ecos das competições já não se ouvirem, e os árbitros, serenidade no espírito, se pudessem dar integralmente às questões vitais da sua existência—e do próprio Jogo?

A sugestão não nos parece quimérica. Cada corporação, para começar, enviaria ao Congresso, em Lisboa, um ou dois representantes, depois de ter submetido a todos os membros, seus filiados, as questões a tratar. Desta forma—todos tomariam parte no Congresso. Sob o ponto de vista prático, esta ideia não comportará certamente tais despesas que não possa ter realização.

Do convívio dos árbitros e do debater de teses e opiniões alguma coisa de útil resultaria. Como quer que seja—aquí deixamos a sugestão.

JOGADOR E JORNALISTA

Fernando Peyroteo

orienta a crítica desportiva no bom sentido

PODEMOS considerar Fernando Peyroteo uma revelação jornalística. Acostumado a meter goals, o grande avançado-centro português consegue marcar dentro e fora de campo. E sempre com a Bola em seu poder, em driblings de boa frase, ou em remates de observação estupendos!

A nossa viva admiração por Fernando cresceu. Ao menos, agora, quando ele jogar mal—poucas vezes tal acontecerá—teremos ao outro dia a compensação de saber, pelas suas revelações, mil e uma coisas sucedidas no jogo, dentro do campo, no calor da luta subterrânea, que nunca chegariam ao nosso conhecimento se não fora a dupla qualidade do avançado-centro português—jogador e jornalista da especialidade.

Ele mesmo, num dos seus últimos artigos, cujas palavras bebemos sofredamente, põe abertamente a questão:

Há certas coisas que se dão no decorrer de um desafio de futebol que só quem toma parte no encontro pode, com verdadeiro conhecimento, comentar ou discutir.

Quere dizer, os desafios oferecem dois aspectos: um, ao alcance de todo o mortal que assiste ao jogo; outro, só do domínio do jogador. Por outras palavras. Uma coisa é a aparência e outra a realidade.

Muito bem. Aplaudimos a mãos ambas o lapidar conceito peyroteano. Nada de julgar pelas aparências. Antes obrigação de descer ao fundo das coisas, e investigar a verdade. Em seguida, o comentário ou a discussão.

Por consequência, impõe-se uma mudança radical na orientação da crítica. Por esse lado, quando dois jogadores se envolverem em discussão, o crítico deve fazer um inquérito sobre o assunto, falando primeiro com os referidos elementos e demais testemunhas, julgando e informando depois o público.

Levando mais longe a orientação: Quando um avançado marcar um goal, aparentemente um grande goal, deve perguntar-se-lhe: *V. queria marcar goal ou passar ao ponta?*

Mais exemplos poderíamos dar. Estes bastam para demonstrar a razão que assiste a Peyroteo. É

Há resposta para tudo...

P. 54—Qual o melhor destes: Araujo, em forma, ou Gomes da Costa?

O melhor interior-esquerdo português?

Gaspar Pinto ou Cardoso? Manecas, do Sporting, ou Feliciano? (De Amarello Dias da Silva Ramalho).

R. 54—Gomes da Costa. Actualmente: Teixeira, do Benfica.

Cardoso. Valor aproximado, embora de características diferentes: Marques é talvez melhor.

P. 55—Qual o mais velho: Teixeira ou Pinga?

Como avançado-centro, qual o melhor: Peyroteo ou Correia Dias? (Carlos Testinha, de Arouca).

R. 55—Pinga é mais velho. Teixeira conta 27 anos. Peyroteo é melhor. Se é...

P. 56—Porque é que Martins não vai ainda à selecção nacional?

Destes, qual o jogador que melhor exerce as funções de avançado-centro: Armando ou Júlio?

Qual o melhor clube português, em técnica e tática?

No próximo Benfica-Barcelona, quem será o vencedor? (De um Benfiquista, do Pôrto).

R. 56—Como sabe, por agora, Martins, nem sequer ocupa o lugar no team de honra...

Júlio é melhor que Armando. O melhor é sempre o que ganha o campeonato.

Se se realizar qualquer jogo entre os dois clubes fazemos a seguinte previsão: em Barcelona perde o Benfica; em Lisboa perde o Barcelona!

evidente que seria impossível proceder-se da maneira aconselhada. Mas isso não interessa... O ponto de vista é bom. Basta.

Podia ainda fazer-se a seguinte objecção:

—Tem Peyroteo a certeza de que, mesmo dentro do campo, a ideia que lhe faz do jogo e dos seus inumeros incidentes, é expressão real e verdadeira do que se passou?

É esta pergunta teria seu cabimento. Quantas vezes temos visto o conhecido avançado-centro protestar por terem punido com deslocação, ou com livre por carga à margem das Regras, a sua intervenção, quando, sem sombra de dúvidas, ele estava realmente deslocado, ou incorrera, na verdade, em falta.

A realidade! Sabe-se lá o que é a realidade e a verdade, problema que os filósofos perseguem sem nunca chegarem a acôrdo, meu caro Fernando Peyroteo!

O Treinador SEVERIANO Correia fala-nos do ATLÉTICO CLUB de PORTUGAL

«O Atlético perdeu, como não podia deixar de ser, por ter ido para a II Divisão. Os meus jogadores hão-de reconhecer-lo quando na «Taça» encontrarem equipas de primeiro plano, com sandamentos mais vivos e de maior «endurance». O treinador alcantarense recorda os adverbios:

— A equipa que mais me entusiasmou no decorrer do campeonato da II Divisão foi a Cuf, do Barreiro, que me pareceu um «team» de largo futuro, em virtude de ser constituída à base de gente nova, capaz de dar que falar daqui a 2 ou 3 anos.

Severiano Correia fala-nos depois à cerca do jogo com a Cuf:

— Esta vitória da II Divisão nacional foi uma compensação para os reveses que a equipa sofreu durante o campeonato de Lisboa, pois saímos vencedores de alguns jogos em que a vitória era merecida...

«No jogo final surpreendeu-me a maneira como a C. U. F. cedeu perante os «atléticos», porquanto, através do campeonato regional, tinha ficado com a impressão de que «arrancaria» um final de época brilhante.

«Todavia, há que notar que o Atlético começou o jogo da melhor maneira, marcando um «goal» nos dois minutos iniciais, o que deve ter abalado o moral dos «cufistas», que talvez entrassem em campo convencidos já da superioridade do seu clube.

— O futuro Atlético...

— Tenho a impressão de que o Atlético, em face do seu cunho baírrista, deve vir a ser clube de larga projecção. Para isso contribuirá bastante a construção do seu estádio da Tapadinha, a inaugurar no início da próxima época.



Uma expressão de Severiano Correia durante a final do campeonato da II Divisão

O homem a quem um clube entrega a orientação técnica das suas equipas de futebol aparece sempre no primeiro plano da actividade desses elementos. É o alvo sobre o qual caem todos os elogios ou censuras, consoante a posição que o seu grupo conquista no decorrer do ano futebolístico. Eis precisamente o que sucede agora com a vitória do Atlético no campeonato nacional da II Divisão. Severiano Correia, o treinador do clube alcantarense, aparece-nos a recolher, muito justamente, parte dos louros da vitória do Atlético. Trata-se de um elemento dedicado por estas coisas do futebol. Novo e estudioso, Severiano Correia — a quem se reconhecem excelentes qualidades de orientador, a par de especial intuição para o desporto da bola — firma-se como íctico que poderá dar ao futebol nacional colaboração magnífica.

É ele o próprio a dizer que nasceu com a idêia de ser treinador de futebol... E conseguiu-o à custa do seu entusiasmo pelo popular jogo, impondo-se, pouco a pouco, à medida que prestava as suas provas práticas na orientação de vários clubes portugueses.

Em 1934 estava no Sporting de Foz. Dois anos mais tarde passou ao Sporting de Braga, para depois, quando se juntou a Associação de Futebol de Castelo Branco, ir all orientar a formação dos primeiros «teams» de futebol. Esteve na Associação Naval 1.ª de Mato, da Figueira da Foz, e durante dois anos orientou a Associação Académica, tendo sido o único treinador profissional que, por desejo unânime dos jogadores, viu o seu contrato renovado.

A sua presença no Curso de Treinadores de Futebol tornou-se notada e agora chegou o momento em que vê o seu trabalho ser distinguido, com a preferência concedida para treinador da selecção nacional.

Passados os primeiros momentos de entusiasmo com a vitória do Atlético, fomos ouvir a opinião de Severiano Correia.

Faldmos-lhe na sede do Atlético, numa sala da secretaria, em Santo Amaro, onde há anos o que é hoje treinador esteve prestes a assinar o seu compromisso como médio-centro no União Lisboa...

Pedimos-lhe primeiro a sua opinião sobre a equipa do Atlético.

— A minha opinião — diz-nos — é a de que a equipa não era tão boa como diziam — nem tão má como muitos julgavam...

«Não tive tempo de enquadrar no «team» jogadores novos, tanto mais que reconheci que o grupo, formado por elementos com a média de 27 anos, tinha necessidade de ser rejuvenescido. A inclusão de Micael foi um exemplo. Viu-se claramente que a linha de ataque se impregnou de sangue novo. Tratava-se de um compartimento que já anteriormente não tinha avançados de eficácia.

«O benefício que a actuação progressiva de Ventura veio dar também à equipa, obriga-me a pensar que depois de pôr em prática o meu plano o «team» estará à altura, pelo menos, de competir com as equipas de primeiro plano do futebol português.

Uma opinião para ponderar...

— É sempre aborrecido a uma equipa como a do Atlético deixar a II Divisão, e não se compreende até que em futuras épocas — o que pode suceder — o vencedor da I Divisão nacional não possa defender o seu título na época imediata, só por não ter conseguido qualificação no campeonato regional.

«Portanto, não há dúvida de que o campeonato nacional deve ser constituído pelas melhores equipas do país.



No jogo com o Barretense, alguns dos mais populares jogadores «atléticos» escutam as últimas recomendações do seu treinador



Alberto Gomes e Conceição, no dia do último jogo que disputaram juntos na equipa da Académica de Coimbra, fotografados com Severiano Correia

Assim, o Atlético, com um bom campo e um bom «team», não terá dificuldade em atingir óptima projecção no desporto nacional.

Uma pergunta, natural na conversa com Severiano Correia:

— Como se sente no Atlético?

— Multíssimo bem. E nem tenho razão para outra coisa, pois recebi, como compensação da má estrela que me acompanhou no regional, o carinho da direcção do clube e dos sócios. Todos me têm tratado com a maior cortesia.

«Nem pelos reveses que atravessei a direcção do Atlético abrandou a confiança que tinha depositado em mim.

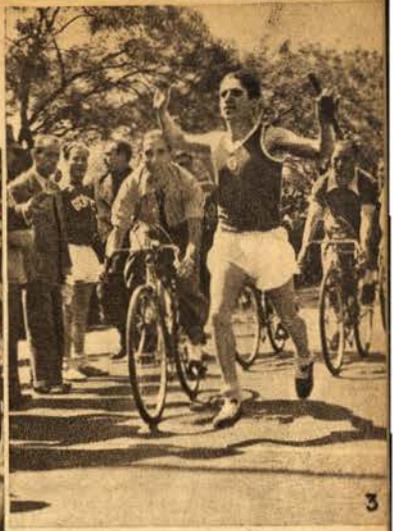
«Neste ambiente tenho por força de me sentir satisfeito — e outra coisa não seria de esperar estando inteligentemente a dirigir os destinos do Atlético a figura prestigiosa de desportista que é Palva e Silva, aliás bem rodeado por outros dedicados elementos do popular clube alcantarense.

«O Atlético, assentando em bases felizes de magnífica actividade, está no bom caminho — aquele que o há-de levar a merecido prestígio!

Foi esta a última opinião — que também é a nossa — emitida por Severiano Correia

Fernando Sá

DOMINGO DESPORTIVO



HIPISMO: 1 — José Granate, que venceu a mais concorrida «poule» do domingo. **ATLETISMO:** 2 — A equipa do Benfica que triunfou na prova de estaletas Cascais-Lisboa; 3 — João Silva, o primeiro corredor que chegou, no momento de cortar a meta. **ACTIVIDADE DESPORTIVA DA «NOVIDADES»:** 4 — A tripulação do Liceu de Passos Manuel, que conquistou a taça «Manoelina Santos» (campeonato das escolas secundárias); 5 — Os remadores da Faculdade de Ciências, vencedores da taça «Joaze Franco» (campeonato das escolas superiores); 6 — Os illudados da «M. P.» que efectuaram a dura prova de canoagem no percurso Tomar-Lisboa. **NATAÇÃO:** 7 — Grupo de nadadores do Alcaz e Dafundo que disputaram as provas da última jornada do «Torneio da Primavera». **CICLO-TURISMO:** 8 — Numerooso grupo de ciclo-turistas do Benfica, que efectuaram no domingo mais uma animada saída. **BASKETBALL:** 9 — O «team» do Rio Seco S. C., vencedor do campeonato da I Divisão da A. B. L., que foi homenageado pelo seu clube com um «concorrido» almeço.

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se fazem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades e prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfeiteira J. C. MOURA, na Rua de Ataláia, 145, faz desses transacções sem qualquer aumento. Se V. Ex. tiver essa sua não é preciso fiador para adquirir um bom lote, sobretudo os guardina, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem: neste caso encontrará V. Ex. maior perfeição e não paga luxo!

A ESCRITORA MARIA ARCHER

confia à nossa colaboradora ANABELA
a sua opinião sobre a mulher do desporto

ELA é apenas mulher... Esta-quei diante da montra a olhar aquele livro... Instintivamente, procurei o autor: Maria Archer.

Um mês distante revirei por momentos no meu pensamento, paisagem de cores esbatidas pelo tempo, terra já morta, que tinha como fantasma falar-me de tempos que eu vivera. Fora nesse país romântico e sonhador, que fazia os rapazes chamarem-me «seculo XIX», — talvez pelo meu olhar nostálgico, ou pelo meu vestido, nuvem de espuma branca do meu primeiro baile, a acentuar a singularidade aos meus 18 anos,— que eu conhecera Maria Archer. Guardara do curto convívio que tivera com ela a recordação da sua profunda compreensão da alma feminina. Mais tarde, através dos seus esplêndidos livros, a honrarem a literatura feminina portuguesa, via-a dissecar almas de mulheres.

Tinha com certeza, Maria Archer, com a análise psicológica que fizera da mulher, a chave da sua orientação nos tempos que atravessamos.

Com essa convicção a procurei e lhe pedi a sua opinião sobre as relações da mulher com o desporto.

— Nunca fui grande desportista, e por isso as minhas idéias neste particular são quasi todas de endossosse... Acho, porém, que fortalecer a mulher na sua constituição física, tornando-a apta a melhor trabalho e maior esforço, e a dar filhos mais robustos, é uma obra com objectivo social da maior importância. Além disso, o desporto estimula e desenvolve o espirito de camaradagem, radica idéias de lealdade, anima a vida com interesses que vêm das coisas e não das pessoas — e tudo isso falta o seu tanto à mulher e é bom que deixe de faltar.

— Parece-lhe que o desporto possa influir benéficamente na educação da mulher?...

— Sim e não. Desporto bem orientado terá forçosamente efeitos salutareos, tanto como o mal orientado há de ter consequências malélicas. É preciso compreender que uma coisa é o desporto e outra a competição desportiva. A competição desportiva é geralmente má para as bases morais do desporto — contudo é ela que dá vida à própria causa que prejudica... O verdadeiro desportista deve ser uma espécie de cavaleiro andante, o moderno cavaleiro andante. Tudo o que seja prática desportiva, bem conduzida e executada, será salutar ao carácter, à saúde e, por consequência, à vida social!

— Quanto a feminidade, acha que a perdemos no desporto?

— Dentro da nossa concepção vulgar, corrente em Portugal, da «feminidade», não há lugar para o desporto. Hoje em dia há ainda, entre nós, gosto em que a mulher seja frágil, abonecada, artificial. Ora o desporto não é

para fabricar bonecos... sem embargo de servir para corrigir a atitude física, dando-lhe esbelteza e sedução. Se se entender por feminilidade a capacidade da mulher para ser a companheira do homem em condições de igualdade, não me parece que o desporto altere o seu encanto feminino. Altera, necessariamente, e ainda bem!, os seus encantos do ente frágil, exigente de protecção.

— Quais os desportos que considera mais convenientes para a mulher?



MARIA ARCHER

— Os que corrigem e conservam a forma do corpo sem desenvolver exageradamente os músculos. Natação e «tennis» são modalidades agradáveis e saudáveis, se não forem praticadas em excesso.

— E os desportos fortes, emocionantes... O futebol, por exemplo?...

— Não! Não considero a mulher com a combatividade necessária para o futebol. Os exercícios de choque, de dura agressividade, «jeitão-la-iam a atitudes plásticas deselegantes e risíveis. A «bola» é desporto para homens. Confesso que me repugnaria ver um desafio de futebol entre equi-

pas femininas, embora as francesas já tenham feito incursão nesse domínio do desporto. Talvez eu seja «bota de elásticos»... É natural. Já fiz quarenta anos e não me criei na ideia de que poderia um dia «chutar à baliza»... Na minha opinião, o futebol feminino seria, além do mais, ridículo. A «bola» é um desporto violento, agressivo, e só o homem, pelas suas condições naturais, pode jogá-lo. A mulher não tem o mesmo ânimo, a mesma rigorosa impulsividade, e o seu jogo resultaria num macaqueio cómico e vexatório. Oxalá eu nunca veja equipas femininas de futebol!

— Mesmo para equipas masculinas, o que pensa desse jogo da actualidade, da sua enorme e incontestável força de atracção no publico?

— É um jogo que está em moda e que, como lódas as modas, há-

CUIDEMOS DO «WATER-POLO»

que está em causa a turma nacional!

«Water-polo» é das mais antigas modalidades que se praticam no nosso país. O emolvido jogo foi introduzido há muitos anos já, mercê de esforço empreendedor e dedicado dos seus pioneiros: o Gimnásio Clube Português e o Clube Naval de Lisboa — duas relíquias do desporto nacional. Depois, outros se lhes juntaram; estão nesse número o Sporting Clube de Portugal, o Sport Aigés e Dafundo, o C. F. «Os Belenenses», e o Benfica — que todos contribuíram para a sua propagação e desenvolvimento. E, caso curioso, foi o «water-polo» também das primeiras modalidades a receber baptismo Internacional, num jogo em que a selecção portuguesa derrotou idêntica formação espanhola. Já lá vão dezanove anos... Depois foi o que todos nós sa-

bemos. Veio o desinteresse, com as suas nefastas consequências. O último jogo oficial realizou-se em 1934 — há onze anos!...

Em 1943, mercê de intensa e sã propagação, realizada precisamente nas colunas de *Stadium*, que mereceu o melhor acolhimento por parte das entidades oficiais, o problema do «water-polo» agitou-se de novo, organizando a Federação Portuguesa de Natação um torneio com o nosso patrocinio. Dois concorrentes, apenas, o disputaram: o Aigés e o Alhandra. E a modalidade voltou ao anterior marasmo...

Este ano, porém, o problema tem de ser encarado novamente. Exige-o a dignidade desportiva nacional, pois, assente como está a realização do II Portugal-Espanha, há que ponderar convenientemente o assunto. Há que cuidar, a tempo e horas — um pouco contra os nossos hábitos, é certo... — da selecção e preparação da equipa que deverá representar-nos.

Não queremos dizer com isto que fique assim assegurada a vitória. Queremos apenas significar que devemos conjugar todos os esforços possíveis para que a representação portuguesa seja a melhor que possamos conseguir. Trata-se de um desafio Internacional, contra um adversário que, em igualdade de circunstâncias, nos tem vencido normalmente. E lembremo-nos que um dos desafios será em Barcelona, não esquecendo, também, que o «water-polo» em Espanha está incomparavelmente mais desenvolvido e é muito mais praticado do que entre nós.

Neste dealbar de temporada notório, o problema tem actualidade flagrante. Urge, pois, pô-lo em equação — mas, sobretudo, resolvê-lo! Aqui o deixamos, na certeza de que merecerá o interesse o que tem jus por parte das entidades competentes.

O SPORT LISBOA E AMOREIRAS

campeão de «tennis» de mesa da Promoção



Os novos campeões promocionários (à direita) fotografados para a «Stadium» com os seus adversários na final — o Mirantense F. Clube

de passar... Gosto de ver... e tenho os meus jogadores predilectos: o Teixeira, o Feliciano, o Peyroteo. Percebo do jogo e entusiasmo-me com ele. E, sinceramente, gosto de o ver brutal, muito pouco desportivo... Eu explico: admiro lódas as qualidades que não possuo, e por isso extasto-me com a capacidade masculina para apanhar aquelas sovas que deixam sem consêrto... Quanto à paixão popular pelo futebol, considero isso como moda sem importância. Um dia virá nova modalidade de desporto que entusiasme igualmente as multidões, — e o futebol passará à categoria de reliquia histórica... Quando era garoto, ainda o futebol não tinha prestigio no grande publico. Era então um jogo de rapazes aristocratas. Quando eu for velho, é bem possível que já seja um jogo antiquado, desprezado pelos filhos que hão-de ter os meus sobrinhos, que o jogam agora com lóda a alma e são do Benfica. Por causa disso, questionamos às vezes... E que eu era Belenenses. Agora, estou indifferente... O Eloi e o Frankim desiludiram-me... São eles os culpados de me ter voltado para as loiras e de me arruinar, em certos domingos, para obter uma barreira de sombra...

A Associação de Pugilismo de Lisboa está de parabéns e com ela os clubes inscritos no torneio recentemente concluído, porque houve estrepantes cujo comportamento, se não admite classificações de mérito provado, autriza, no entanto, a designação de excelente matéria prima.

Severino de Carvalho, Mário Costa e Rogério Amador talvez não sejam verdadeiros iniciados. É muito possível que o primeiro e o último possuam experiência longa em relação aos outros concorrentes. O que interessa, porém, é sublinhar o seu mérito e a sua participação, índice seguro de que é possível renovar e impulsionar o pugilismo amador com elementos novos.

Quanto ao aspecto colectivo do campeonato, registre-se mais uma vez que o Lisgás foi a agremiação que apresentou maior quantidade de concorrentes, circunstância confirmativa do interesse que sempre tem dispensado ao desporto da esgrima dos punhos. Pode admitir-se até que em todos os torneios de há um ano para cá esse clube tenha sido o esqueleto das organizações ou, por outras palavras, o sustentáculo indispensável e seguro das mesmas. Os restantes clubes, o Gimnásio, o Lisboa Gimnásio, o Rio de Janeiro, o Estoril Praia, a Juventude Chelense e o Ateneu Comercial, seleccionaram os seus elementos, que deram boa conta de si.

Quanto à A. P. L., seria injusto negar-se-lhe provimento à pre-

O torneio de iniciação da A. P. L.

Comentários à final e aos finalistas

Crónica de RAFAEL BARRADAS

tensão — aliás não solicitada — de haver trabalhado com empenho pela vitalidade do desporto que dirige. Certos pormenores e a maneira de encarar alguns problemas técnicos poderão ser atendidos de modo anormal ou discutível. Isso temos sempre denunciado. Mas não têm que ver com o interesse revelado dia a dia pelo pugilismo amador.

Terminadas estas considerações rápidas passemos a fazer a análise dos combates. Nos meios-pesados só houve um concorrente inscrito, R. Sá Nogueira (Lisboa Gimnásio), e por esse facto ficou vencedor da categoria.

Em médios, assistimos à justa vitória de Rogério Amador (Gimnásio) sobre Carlos Rocha (J. Chelense), por pontos. Amador foi demasiado cauteloso nalguns momentos, escondendo-se nas luvras sem necessidade. Abusou do emprego de golpes laterais (*hooks* e *swings*) e esqueceu as virtudes dos directos. Grave defeito a corrigir, aumentando a gama da sua ciência. Ganhou sem favor mas arrancou a vitória nos últimos minutos. O vencido portou-se bem e foi sempre perigoso. Tem fracas

conhecimentos do ofício, por enquanto.

Paulo Lopes (Ateneu) ganhou nos meio-médios. Teve como adversário Apolino Soares (Lisgás) que tem melhor estilo. O combate foi equilibrado até final. Soares procurou com evidente empenho furtar-se a «encaixar» na cara. Não conduziu a ofensiva e golpeou hesitantemente. Talvez isso o tenha prejudicado no conceito do júri.

Lopes tem aspecto de lutador de grego-romana e escassa mobilidade. Mas a sua evidente vontade de aprender é garantia de progresso.

Em leves, o vencedor, Mario Costa (Lisboa Gimnásio), derrotou

fez isso, precisamente, e ganhou — dando-se ao luxo de sacudir o adversário diversas vezes.

Por fim citaremos a vitória de João Deniz (Lisgás) sobre Joaquim de Almeida (R. Janeiro). Muito clara. O vencedor exibiu mobilidade e ensaiou a combinação «um-dois», com *hooks* alternados de cada braço, mas muito repetidos e desenhados com antecipação. O vencido foi corajoso e defendeu-se sem esmorecer, apesar de sacudido e abatido no solo pelos golpes do contrário.

Resumindo: resultados certos, na generalidade e no conjunto. O trabalho dos juizes e dos arbitros, não tendo sido impecável, foi aceitável.

DUAS NOTAS POR SEMANA NO ESTRANGEIRO EM PORTUGAL

TERMINARAM no domingo, em Madrid, os segundos jogos Universitários espanhóis, que reuniram mais de milhar e meio de participantes em 21 competições desportivas de modalidades esferentes.

Estiveram presentes equipas de nove centros universitários e o certame, que durou uma semana, decorreu com entusiasmo enorme, pondo bem em evidência a amplitude e a profundidade conseguidas pela organização do desporto entre os estudantes na nação vizinha.

Já em «Stadium» se apresentaram fotografias de algumas das instalações magníficas da Cidade Universitária madrilena, onde decorreram os jogos, mas a referência de hoje tem outro objectivo: chamar a atenção para os resultados de uma campanha persistente e superiormente dirigida pelo próprio Estado, que integrou as actividades académicas na hierarquia única do desporto nacional. Conservando embora toda a sua autonomia, os Sindicatos de Estudantes Universitários foram incorporados num dos departamentos da Delegação de Desportos, que chefia assim superiormente e assegura coesão e unidade doutrinária a todas as actividades desportivas, quer sejam de iniciativa particular, quer pertençam aos centros universitários ou aos núcleos das juventudes.

Os jogos da semana passada, como precedentemente os campeonatos da Frenle de Juventudes, concorridíssimos e de excelentes resultados, provaram a excelência do critério adoptado.

O problema da preparação do grupo nacional de futebol preide neste momento todas as atenções, é alvo preferido pela opinião pública desportiva e, como sucede sempre em semelhantes casos, debatem-se em sua volta os pareceres mais desencontrados. É curioso verificar como se modificou completamente o critério de julgamento da maioria dos críticos mais conceituados da especialidade: aqueles que há um mês expandiam maior optimismo, são precisamente os que pintam agora de mais negras cores as suas previsões.

O facto de tantas divergências reunidas em volta, por exemplo, da possível constituição da equipa, não é caso para admirar, pois em Portugal existe talvez um milhão de «seleccionadores», tantas quantas as pessoas que se interessam — ainda que seja apenas como espectadores dominicais — pelas competições da bola. Mas não se leve a censura até às tribunas responsáveis pela orientação do juízo público, pois, se o momento é grave, mais forte se nos afigura a razão de criar ambiente de apoio aos futuros defensores do futebol nacional, confiando no bom senso e na isenção das individualidades encarregadas da sua escolha. Porque — esta é a lógica simples — se realmente não tivessem cumprido satisfatoriamente a sua missão na primeira saída do grupo, com certeza lhes não teria sido reiterada a confiança, pois nestes casos de reflexo nacional não há contemplanções nem amiza-



Os vencedores do «Torneio de Iniciação» — Da esquerda para a direita: Rolando Nogueira (meios-pesados), Rogério Amador (médios), Paulo Lopes (meios-médios), Mário Costa (leves), Severino de Carvalho (meios-leves), Inácio de Araújo (levíssimos) e João Diniz (mínimos).

Américo Antunes (J. Chelense), por *knockout*, ao 2.º assalto.

Antunes não conhece o abe do boxe. Ataca descobrindo-se muito. Costa foi excelente. Calmo e oportuno. No 1.º assalto desceu o adversário ao sobrado o abateu-o no imediato com um sóco no tronco.

Severino de Carvalho (Lisgás) venceu António Morgado (Lisgás), por pontos. O vencedor foi o concorrente com melhor escola. Peca por indolência de reflexão ou retraimento cauteloso. Desta vez bateu-se para vencer por escassa diferença. Não só pelo número de golpes colocados, como pela variedade e execução dos mesmos, merecia a vitória. Morgado foi brioso e coriácio. Bom elemento a aproveitar e desenvolver, que topou com mais experiência e sagacidade.

A final de levíssimos coube a Inácio de Araújo (Ateneu) e a Guilherme Pereira (Lisgás).

O concorrente do Ateneu soube ganhar um combate que poucos julgariam perdido de antemão para o Lisgás. O vencido é de fraca estatura mas tem poder físico superior. Atacando em força e com golpes laterais, largos, só havia um método de lhe neutralizar a acção: colhê-lo com directos de contra ofensiva. Araújo

A assistência preocupou-se demasiado em hostilizar as decisões que lhe amaranhavam os sentimentos clubistas e as simpatias pessoais.

Como todos os públicos, de cá e toda a parte, não foi calma. Teve algo de faccioso. Esperemos que os dirigentes dos clubes aconselhem os seus consócios a um comportamento cheio de dignidade e decoro, principalmente ao manifestarem o seu desgosto contra o trabalho dos árbitros ou dos outros oficiais de «ring».

ESGRIMA

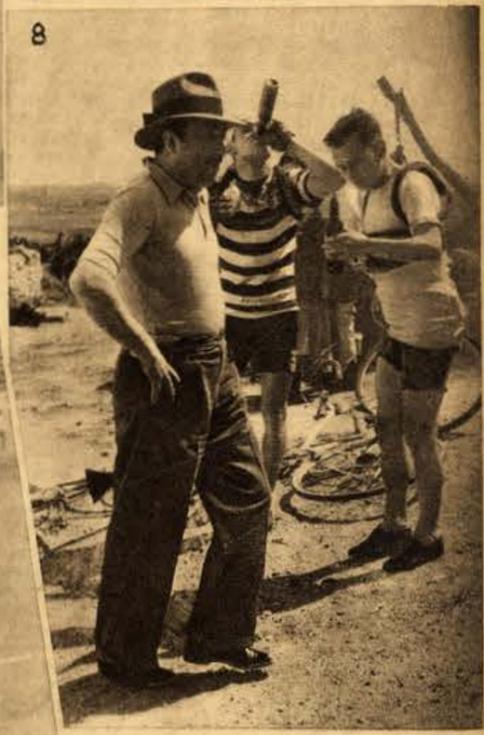
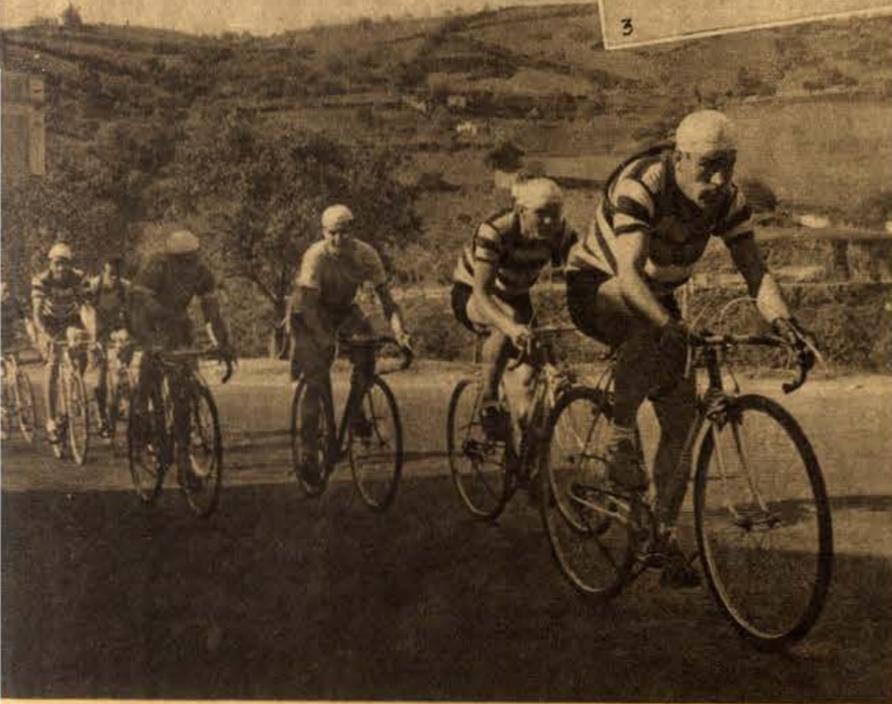
Taça «Ana Maria Vaultier»

O activo Grupo Desportivo da Casa Vaultier dedicou-se ao belo desporto da esgrima com o maior entusiasmo. No dia 26, à tarde, os seus atiradores disputam a primeira prova de espada da sua sala de armas, para a qual foi instituída a taça «Ana Maria Vaultier».

Estão já inscritos os seguintes esgrimistas: Maxime Vaultier, Mário Tavares, José Palma, Eduardo Martins, Albertino Boto, Fernando Igreja e João de Azevedo, discípulos do professor Carlos Nelis.

Mais uma grande corrida
de
ciclismo

JOÃO LOURENÇO o campeão regional - Magnífica prova de EDUARDO LOPES



1 - Depois de Alenquer, o pelotão segue em marcha cadenciada, com Lourenço e Lopes no meio. A' frente, Mourão parece embevecido na contemplação da paisagem; 2 - Túlio lançado na sua fuga, passa no Carregado com 3 minutos de avanço; 3 - Aqui temos o pelotão que se escapou a Lourenço e Rebêlo. Rocha, Aristides, Lopes, Mourão e Pereira pedalam vigorosamente; 4 - Este grupo, com Rebêlo na frente, começa no Carregado a perseguição a Túlio. Lourenço e Lopes fazem parte do pelotão; 5 - Eduardo Lopes, no Estádio do Lumiar, após o esforço magnífico que lhe deu a vitória; 6 - Lourenço, o campeão regional, seguido de Rebêlo, fiel companheiro no domingo, procura «recolar» o pelotão fugitivo; 7 - Em Santa Susana, numa curta paragem, os corredores refrescam-se e matam a sede; 8 - Os bons amigos do ciclismo não distinguem cores: os refrescos são para todos...; 9 - Belo aspecto da corrida, em fila indiana, já a caminho da meta; 10 - Ernani Ribeiro, do Lisgás, que venceu a prova de amadores seniores; 11 - António Maria ao ganhar a de júniores

Os 1.º, 3.º, 5.º e 6.º classificados nos 176 quilómetros correram em Bicicletas FLECHA



Notas da semana

O Pôrto-Vigo em futebol não se faz...

Apesar de todos os bons desejos da Associação de Futebol do Pôrto e das negociações estabelecidas directamente pelo seu activo presidente, sr. Alberto de Brito, não se realiza o Pôrto-Vigo, que já teve data marcada — e que fica adiado, mais uma vez.

Anda mal fadado este reatar de relações desportivas com os nossos vizinhos da Galiza. Nem a viagem de Alberto de Brito à Corunha conseguiu resolver a situação, não obstante o ambiente ter sido extremamente acolhedor.

Segundo as nossas informações, tal facto provem do desenvolvimento registado no Desportivo da Corunha e no Celta do Vigo, clubes que formariam o grupo representativo da região galega. Estão a atravessar um período de abaixamento de forma, com consequente má classificação nos torneios que disputam.

...mas deve realizar-se o Pôrto-Astúrias

Em substituição do jogo a que nos referimos, parece — é até dado como caso arrumado — que teremos um Pôrto-Astúrias, pois já existe deferimento do organismo dirigente espanhol.

A primeira data proposta pela Associação de Futebol do Pôrto não foi aceite pela Federação Asturiana, por motivo de estarem ainda a disputar-se, nessa altura, os campeonatos da Liga e a Taça do Generalissimo. Propuzeram-se agora as datas de 3 e 10 de Junho ou 10 e 17 do mesmo mês.

Ora, com um pouco mais de esforço, tanto fazendo mais oito dias antes como depois, poderíamos ter cá o jogo no dia 24, feriado da cidade, a coincidir com as festas que, segundo parece, deverão realizar-se este ano, com luzimento.

É uma sugestão que nos permitimos fazer — e que não nos parece disparatada. A não ser que outro poder mais alto se levante... Neste caso, ficaria só a intenção — o que não é já nada mau!

Carlos Corrêa



esgrimista do Sport Clube do Pôrto, que se tem evidenciado ultimamente

Stadium na Capital do Norte

O Estádio do Pôrto e o campo do Lima

Algumas informações, obtidas junto do presidente do Município portuense, que fazem luz sobre os dois casos

TIVÉMOS há dias oportunidade para trocar algumas palavras com o sr. dr. Luís de Pina, ilustre presidente do Município do Pôrto, que nesta qualidade está a prestar assinalados serviços à capital do Norte.

Aproveitámos a ocasião para saber alguma coisa de positivo acerca do Estádio Municipal, bem como do campo do Lima. Muito se tem dito do primeiro — mas quasi todos os dias se publicam referências ao segundo, focando este ou aquele pormenor ou apresentando este ou aquele alvitre, afinal quasi sempre sem bases, sem um ponto de partida verdadeiramente definido.

Ninguém melhor do que o distinto presidente da Câmara portuense podia transmitir-nos o que de facto se passa. Naturalmente, procurámos saber o que havia ao certo sobre o Estádio Municipal, assunto versado há poucos dias na imprensa diária, após o regresso de Lisboa do sr. dr. Pina.

Assim, soubemos que os terrenos destinados àquêle Estádio estão situados no sítio da Pasteleira ao Lordeo do Ouro, em terrenos ideais, sob todos os aspectos, para o fim em vista, mas que o assunto não pode ser tratado de «afogadilhão», pois depende do plano de urbanização da área adjacente.

Nada há ainda de concreto quanto à modalidade a adoptar para a construção do Estádio, que não poderá ter a grandiosidade do Estádio Nacional, em Lisboa, mas que será delineado em harmonia com a cidade e o seu valor desportivo. Quer em regime de comparticipação do Estado com a Câmara, quer construído por aquêle, cedendo a edilidade os terrenos necessários, — o Estádio do Pôrto é uma certeza em futuro mais ou menos próximo.

O sr. dr. Luís de Pina trocou impressões sobre o assunto com o sr. Presidente do Conselho — e o sr. dr. Oliveira Salazar, depois de ouvir a exposição feita pelo representante da municipalidade portuense, teve um sorriso de aquiescência que poderá ser traduzido por uma promessa. Não houve, pois, qualquer afirmação categórica do ilustre chefe do Governo, mas, como dissemos, como que uma aquiescência ao que lhe foi solicitado. Teremos de aguardar ainda algum tempo para a satisfação deste desejo de todos os portuenses, mas ela virá — tal como veio o Estádio Nacional. Confiemos na acção dinâmica e firme do presidente da Câmara do Pôrto.

Abordado depois o assunto do estádio do Lima, o sr. dr. Luís de Pina confessou-nos a sua surpresa pelo facto de não haver encontrado quaisquer elementos de informação no ministério do Interior ou na Direcção Geral de Desportos, elementos que estava

convencido haverem sido enviados do Pôrto e sobre os quais poderia desenvolver as suas considerações junto das entidades oficiais. E estava tão convencido da remessa dos citados elementos que garantira, no seu gabinete, a quem o procurou sobre o assunto, que o trataria carinhosamente em Lisboa durante a sua viagem à capital.

Em face desta situação, a Câmara não pode responsabilizar-se pelo que possa suceder, pois tampouco pode proceder à expropriação, para fazer depois uma cedência ao Académico. Se a expropriação tiver de ser um facto, o que a Câmara poderá fazer, no desejo de ser agradável aos portuenses e dar satisfação aos votos dos desportistas, é adquirir ou ceder terreno noutro local para a construção do campo do Académico. Nada mais.

Não existe o menor entrave por parte da Câmara que se sentiria muito feliz se uma portaria ministerial consentisse à Misericórdia o prolongamento do prazo estabelecido no legado que recebeu, ou mesmo situar o Académico no regime de inquilino urbano. Mas a Câmara não pode intervir nisso. É-te assunto é retintamente do clube — dos desportistas. Porque não se reúnem estes e não procuram eliminar todos os obstáculos, dando ao Académico a certeza de que pode contar com o seu parque de jogos?

Em relação ao que há a fazer, a verba destinada a expropriações é deminuta para a nossa Câmara. A Misericórdia pretendia 8.000 contos pelo Lima, ao passo que o Município só poderia dar 5.000. Mas mesmo que se chegasse a um acordo, como proceder depois?

Ouvimos as informações do sr. dr. Luís de Pina com toda a atenção — mas ficou a martelar-nos o ouvido uma frase: «Em Lisboa, na própria Direcção Geral de Desportos, não havia nada...»

Como querem, pois, que haja quem se interesse por tão momentoso problema? Como é que se coloca assim o presidente da Municipalidade portuense numa posição falsa, por descuido indisculpável, num assunto tão debatido e de tanta gravidade para a causa do desporto?

Pede-se e obtém-se o apoio do sr. dr. Luís de Pina para conseguir uma portaria que resolva o caso — mas afinal são os principais interessados que o descaram... E assim soubemos que tão boa intenção se perdeu, por agora, por falta de colaboração da parte que se encontra precisamente em apuros.

Mas sendo os portuenses tradicionalmente unidos, porque não se organiza e impulsiona o movimento que permita, de modo decisivo, defender os interesses do Académico — que são afinal os do Pôrto?

Stadium

As nossas iniciativas em favor do desporto nortenho

Domingo, prossegue a disputa do torneio de "Volleybal."

DEPOIS da interrupção a que fomos forçados, por motivo das férias escolares de Páscoa — estão no torneio duas equipas do Centro Universitário — prossegue no próximo domingo o nosso torneio de «volley», com a disputa dos dois últimos jogos dos 1/4 de final: Centro B — Académico B e Centro A — S. Roque A. Na primeira «mão» o triunfo pertenceu às duas «turmas» do Centro. Estes encontros der-nos-ão o apuramento de dois semi-finalistas, a que terão de se juntar as equipas do F. C. do Pôrto A — S. Roque A, já designadas para essa eliminatória.

Salvo, pois, qualquer acontecimento anormal, que não é de esperar, disputarão a meia-final o F. C. do Pôrto, o Académico e as duas equipas do Centro Universitário, entre as quais se fará o respectivo sorteio no próprio domingo, após a realização dos dois últimos jogos dos 1/4 de final.

Em princípio, estão marcadas as datas de 19 (quinta-feira) e de 22 (domingo) para as duas «mãos» da meia-final, isto para que a final possa realizar-se no domingo, dia 29, no campo da Avenida. Preparámos para esta data um festival a que darão o seu concurso, além dos finalistas, os grupos que mais se evidenciaram no decorrer do nosso torneio.

Os jogos de domingo — como dissemos, os últimos dos 1/4 de final — realizam-se no campo do S. Roque, sob a arbitragem de Fernando Castro; às 10 horas, Centro B — Académico B; às 11 horas, Centro A — S. Roque A. Após estes jogos efectuar-se-á na sede do S. Roque o sorteio para a meia-final.

O torneio de atletismo da "Stadium" realiza-se no primeiro domingo de Maio

Logo que estiver concluído o torneio de «volley» — a segunda iniciativa da nossa revista, em 1945, pelo desporto nortenho — nova organização será posta de pé, esta de atletismo puro, que servirá para inaugurar a época de pista.

Nos dias 5 e 6 de Maio, na pista do Lima, Stadium leva a efeito, sob o patrocínio da A. P. A., um torneio de atletismo para estreates, no qual se disputará a taça «Roberto Machado», nossa homenagem ao incansável e competente técnico do atletismo portuense. Este troféu será atribuído por meio de inédita contagem de pontos, que em muito valorizará o torneio, pois obriga os clubes a apresentar equipas completas em todas as especialidades. Os pontos serão atribuídos até ao 5.º classificado de cada prova — 5, 4, 3, 2 e 1. O clube que maior total conseguir será o vencedor da taça. Os primeiros classificados de cada competição individual serão premiados com medalhas. Só é admitida a inscrição — que é absolutamente gratuita — a clubes e atletas devidamente inscritos na Associação Portuense de Atletismo — organismo

AS COMPETIÇÕES NACIONAIS DE "CORTA-MATO" e os resultados obtidos pelos portugueses

DEPOIS de uma temporada a todos os títulos excelente, os corredores portugueses de «corta-mato» não encontraram nas competições nacionais de júniores e de séniores o prémio do seu esforçado trabalho, nem se conduziram à altura do seu valor.

Não queremos dizer, evidentemente, que em qualquer das provas os portugueses tivessem capacidade para triunfar. Tal não se registaria mesmo que circunstâncias felizes tivessem estado do lado dos nossos representantes. De resto, o Benfica venceu nos dois campeonatos com incontestável autoridade, não deixando a mais pequena sombra de dúvida... Sobretudo no Pôrto — prova a que assistimos — os júniores dos «encarnados» fizeram exibição impecável e patenlearam classe que não admite relâncias. Há mesmo um pormenor para o qual chamamos a atenção dos nossos técnicos e que demonstra a excelente orientação sob que trabalham os atletas do Benfica: duas horas antes do campeonato de júniores, nas Cavadas, já os representantes daquele clube experimentavam o terreno do percurso, ora com calçado de pontas, ora de alpergatas, fazendo rápida adaptação a um caminho que até então lhes era completamente desconhecido.

Assim, mesmo em «maré de sorte», os portugueses não conseguiriam triunfar em qualquer dos campeonatos nacionais. Mas, na verdade, também se pode garantir, por outro lado, que tanto os júniores como os séniores — principalmente aqueles — não deram rendimento proporcional ao seu valor. Vejamos: entre os júniores, Carlos Miranda, campeão português, a sofrer dos calcões, teve de desistir quando as suas possibilidades lhe garantiam um terceiro lugar. Por sua vez, António Barros e Joaquim Rodrigues não puderam comparecer à chamada; qualquer deles ficaria muito perto de Miranda — acreditamos até que Barros, a progredir de prova para prova, fosse capaz de bater o campeão português. Mais ainda: Artur Fernandes, atingido por uma indisposição, não concluiu a corrida. Dos nossos melhores só Leonel Silva conseguiu classificar-se (5.º lugar), mas igualmente resentido do facto de correr isolado no meio dos lisboetas. Como se verifica, pois, os portugueses não deram a medida exacta do seu valor, que é já importante e muito superior

àquêle que deixaram perceber através das classificações nos «nacionais». Foi pena, tanto mais o Benfica demonstra possuir equipa para lutar em qualquer andamento.

Em séniores, os motivos para lamentos não são tão largos. Verdadelmente, só a desistência de António Bernardo, o nosso campeão regional, e a indisposição de Elísio Silva, sem a qual teria ficado entre os oito primeiros. Parece-nos até que a equipa do Salgueiros tem valor para bater a do Belenenses. Resumindo; também nesta categoria os portugueses não actuaram dentro da sua bitola.

Que não se julgue, pois, o valor do «corta-mato» português através das classificações nos campeonatos nacionais, porque elas induzirão em erro. Na especialidade valemos não só muito mais do que se poderá supor, como também possuímos magnífico «clote» de estroentes, com futuro que promete.

Está elaborado o calendário para a época de pista

Encerrada no domingo a temporada de inverno, os dirigentes da A. P. A. começam já a trabalhar para a época de pista. Reunidos com o Conselho Técnico, trataram do calendário de provas, que está elaborado e submetido à indispensável aprovação oficial. Do programa fazem parte, além dos campeonatos regionais, o torneio da *Stadium*, com o qual se inaugura a época; os campeonatos militares, em que estão vivamente interessadas todas as unidades desta Região; as jornadas de propaganda em Braga, Póvos, Espinho e Figueira; o encontro Pôrto-Lisboa, duas semanas antes do Portugal-Espanha; e o encontro Pôrto-Galiza, a realizar em Vigo nos mesmos dias do Lisboa-Madrid, etc. Em síntese: um calendário magnífico, que vai dar à época actividade invulgar. O elitismo português continua a seguir pelo melhor caminho.

EDUARDO SOARES

No «handball» português regressou-se à normalidade...

Uma solução de recurso e um problema a resolver

A recente crise que o «handball» português atravessou, de forte intensidade, foi solucionada rapidamente. Os homens que têm sobre os seus ombros a responsabilidade da orientação deste desporto, agiram tão rapidamente que surpreenderam o meio. Para grandes problemas — grandes medidas...

O torneio regional, que tudo fazia admitir ficar suspenso — e até inacabado; os futuros jogos inter-cidades e o campeonato nacional; e os serviços administrativos, que se previa atingirem o caos — eram pormenores desagradáveis que foram evitados com a rápida decisão da Direcção Geral de Desportos, por mediação da figura saliente do seu delegado no Pôrto. Aprovou-se uma lista de recurso, mas que corresponde inteiramente ao que se pretendia. Foi-se mesmo, sem exagero, além do que podia esperar-se em tão curto espaço de tempo.

Para quem queira ver afinidades clubistas nos nomes dos elementos que compõem a nova Comissão Administrativa — ideia que, aliás, teve de ser posta de lado numa circunstância de emergência — não encontra, na verdade, gama muito variada de «camisolas». Todavia, é lícito observar: terão os clubes «moral» para tentarem reagir perante a nova comissão, quando recusaram a livre eleição dos corpos gerentes da A. H. P. P. ...

Do elenco directivo cessante, apenas um elemento figura no actual: Alberto Trancoso. A sua acção foi tão meritória que a própria assembleia «de triste memória» a reconheceu e louvou.

O conselho técnico, desta vez — e muito bem! — nomeado superiormente, é formado por três individualidades que se impõem: Alves Teixeira, nosso prezado

camarada e seleccionador da turma portuguesa, tem sido um nome obrigatório naquêlê conselho; Joaquim Lapa, velho praticante da modalidade, mas sempre entusiasmado pelo «handball», é elemento de comprovada competência; e Vieira da Costa, personalidade de desportista frequentemente posta à prova, além de bom julgador possui experiência tal que é a melhor base para decisões honestas.

O grande problema de momento está na falta de uma sede própria para o «handball». A modalidade tem grande movimento e os serviços de expediente e administrativos agravaram-se com a criação da comissão distrital de árbitros, que por sua vez mantém ainda um curso de aprendizagem e aperfeiçoamento dos seus filiados. Urge conseguir instalações apropriadas.

O Sport Clube do Pôrto cedeu gentilmente duas salas, durante anos. Nos últimos tempos proporcionou mesmo três dependências — mas o carácter temporário da colaboração do Sport não podia deixar de vir a ter o seu limite. Transferiu-se a Associação para o edifício da Estrêla e Vigorosa, também com carácter obsequioso — mas no futuro, que pode estar próximo, a necessidade de conceder aos seus sócios novas regalias pode forçar o clube das Cavadas a exigir a saída da sua sede dos dirigentes e serviços do «handball» português.

Isto quer dizer que, embora se estude há muito tempo a concentração das diversas modalidades numa sede única, o problema mantém-se no mesmo pé — para o «handball» dia a dia com carácter mais urgente, em vista da sua grande expansão.

Não esqueçamos os esforços que se têm feito nesse sentido. Mas é necessário conciliar todos os interesses — sem demora.

LEME

TIRO-A actividade do BENFICA em 1944



Os vencedores das provas organizadas pelos clubes, fotografados após a distribuição de prémios, com os srs. dr. Ayala Bolto, de D. G. D., coronel F. Real, de F. N. T. P. e Felix Bermudes

«FLECHA»

é a melhor bicicleta

que patrocina o torneio e lhe dá carácter oficial.

O programa de provas é o seguinte: *Corridas*—60, 120, 250, 700 e 1000 m.; *Saltos*—comprimento e altura; *Lançamentos*—pêso e disco.

Dentro em breve publicaremos o regulamento geral do torneio, a que já prometeram a sua inscrição os seguintes clubes: F. C. do Pôrto, Académico, Salgueiros, Operário, Sport, Amarante, Cuf, Sporting de Braga, Académica de Braga, Gaia e Vigoroso. Cerca de 150 atletas devem estar em luta nesta prometedora abe-lura oficial da época de pista de 1945!

acabou...
O BENFICA
mais uma vez CAMPEÃO!



EM COIMBRA: 1 — Juvenal procura evitar o prosseguimento de uma avançada dos estudantes; 2 — Nesta fase foi António Marques que perdeu a bola na defesa académica; NO PÓRTO: 3 — Embora Barrigana estivesse em situação de defender, Camilo é que desfez o perigo para as suas balizas; 4 — O guarda-rêdes setubalense na defesa de uma bola alta; 5 — Jogada de movimento na grande área do F. C. do Pôrto. Romão luta com um setubalense.

Os clubes de LISBOA nos lugares de honra



1



No campeonato de Júniores da A. F. L. Excelente fase de futebol colhida no campo das Salésias durante a disputa do encontro entre o Benfica e o Fósforos. Os novos continuam a mostrar que o futuro lhes pertence...

2



NO CAMPO GRANDE
 1 — Arsenio tenta o remate por entre a defesa vimaranense; 2 — Teixeira carrega Machado, mas o «keeper» do Vitória sai-se da luta replindo a bola a soco; 3 — Fim do jogo, Francisco Ferreira, capitão do Benfica, fala ao microfone da Emissora Nacional, manifestando o seu regosijo pela vitória no campeonato. Quádrío Raposo também não está descontente... **NAS SALÉSIAS** 4 — A defesa do Salgueiros lutou com ardor — mas não evitou o pesado «score» que sofreu...

3



CICLISMO

HIPISMO

EDUARDO LOPES

numa embalagem irresistível
ganhou a última prova do campeonato distrital
João Lourenço é campeão de Lisboa

O ciclismo não é — tantas vezes o temos dito! — como o atletismo ou a natação, das modalidades em que apenas contam o esforço físico. Na velocidade há, além da força e habilidade dos ciclistas, uma quantidade enorme de elementos de importância capital na valorização do esforço dos corredores. São as avarias das bicicletas; as condições atmosféricas; é a maneira como cada um se comporta nas corridas, defendendo-se, atacando para fatigar os adversários ou tentando isolar-se para ganhar destacado; são as características dos percursos e a superioridade numérica dos adversários com quem se luta; é, enfim, uma série interminável de factores, que servem, afinal, para tornar o ciclismo de competição das mais belas e emotivas modalidades desportivas.

Conseqüentemente, para analisar o valor de uma corrida e dos estradistas que nela tomaram parte, a crítica não pode nem deve restringir os seus comentários à tabela das classificações nem ao «tempo» da competição. Estes dois elementos de confronto são apenas — em ciclismo — auxiliares de análise, que têm de ser postos em confronto com outros factores — a maneira como decorreram as provas e a forma como se comportaram os corredores.

Assim, as classificações dos «176 quilómetros», obtidas numa movimentada embalagem final, e as 5 h. 52 m. 5 s. gastas pelos primeiros sete chegados, embora seja o pior tempo em relação às provas antecedentes, pouco ou nada dizem do valor da competição e das fases de bela luta que nela se travaram.

Uma boa corrida

Disputada em dia de calor sufocante e com vento forte a soprar de frente nos primeiros 100 kms., os «176 quilómetros» deste ano constituiram ainda prova bastante movimentada, onde se lutou com brio, tendo até fases deveras emotivas. A perseguição feita por Lourenço depois de sofrer dois furos, anulando, um a um, os 2 m. e 6 s. que perdeu, numa altura em que o percurso era difficilissimo; a tentativa para inutilizar os esforços de Lourenço, feita por Eduardo Lopes, que sem companheiros à altura da actuação pretendeu, durante 30 quilómetros, fugir à perseguição do sportinguista; o espírito de equipa de Rebelo, que se atrazou para ajudar Mourão e Lourenço a «recolarem»; a persistência com que Jorge Pereira lutou para recuperar os 7 m. de atrazo com que saíra do Estádio; e ainda a atitude simpática de Pais Cabral, cedendo a sua bicicleta a um homem do seu clube que considerava superior — tudo isto valorizou a última prova do campeonato distrital.

Se esta prova foi de valor medíocre como proeza atlética, isso deve-se à temperatura do dia, ao vento e ao facto da luta mais árdua da competição ter sido travada nos piores e mais difíceis trechos

do percurso, numa sucessão de ataques, perseguições e fugas verdadeiramente esgotantes. Tivesse a corrida sido feita em marcha uniforme, embora mais rápida, e a média seria melhor, isto sem maior dispêndio de energias.

Excelentes exhibições

Eduardo Lopes repetiu no domingo o seu comportamento magnífico dos «100 contra-relógio». Embrenhou-se no ataque sempre que viu sportinguistas atrazados, foi brioso quando da sua abalada à frente de Lourenço, pois chegou a pensar na conquista do título, e na embalagem final, aproveitando a lição dos «100 clássicos», não deixou que o «leão» arrancasse antes dele, acabando por ganhar com indiscutível nitidez. É certo que Lourenço havia feito na corrida perseguição difícil e isto ter-lhe-lia diminuído parte do seu poder; mas Lopes, nos derradeiros momentos que antecederam o «sprint», teve de lutar «descolado» contra Rebelo, que sabiamente tentou esgueirar-se ao da Iluminante, para o fatigar. Estavam assim compensados os dois melhores «sprinters» portugueses.

Quando à prova de Lourenço, foi a de um campeão de Lisboa incontestável. A sua máscara, quando perseguiu Lopes ao longo das rampas da Encarnação e Piçanceira, traduzia bem o que o sportinguista vale quando quer ganhar.

Um «trio» dedicado

João Rebelo, Manuel Rocha e Jorge Pereira evidenciaram-se pelo seu espírito de sacrifício em favor dos elementos mais cotados das suas equipas. Se as altitudes dos da Iluminante são louváveis — e deram tudo quanto puderam para ajudar Lopes, embora essa carecesse de poder — a de Rebelo, com justificadas pretensões ao triunfo, é mais de elogiar. E, quanto a nós, foi o seu sacrifício que lhe furtou poder para, pelo menos em Carriche, forçar o polotão a largar alguns adversários que o bateram na embalagem final.

Depois desta prova, se Jorge Pereira Lavia já ganhou jus à pré-selecção para a «Volta a Espanha» cremos que o pequeno Rocha — que corre de qualquer maneira, com água ou sem ela, com muita ou pouca amentação — também merecerá essa honra.

Comportamentos discretos

A maneira como decorreu a prova não permitiu que Aristides, sempre na frente em defesa cerrada, se evidenciasse. Fez no entanto melhor corrida que nos 100 kms. contra-relógio. Quanto a Mourão, que tivera recuperação brilhante após o «furo» que sofreu depois de Alenquer, não quiz ajudadamente forçar, tendo por isso comportamento discreto.

Dos restantes, à excepção de Túlio e José Ferreira, que estiveram voluntariosos mas infelizes, todos sentiram a dureza da corrida, cedendo sempre que o passo

Começaram os treinos para a «Taça de Ouro» e para a formação da equipa nacional

A PROXIMA-SE o Grande Concurso Hípico Internacional de Lisboa, prova máxima de quantas se disputam no país e que este ano terá também, como nos anteriores, a participação valiosa de uma forte equipa espanhola.

A Sociedade Hípica, que dispensa já a sua melhor atenção à organização do importante Concurso, fixou as diferentes provas, que serão disputadas de 19 a 27 de Maio, mais cedo portanto que nos anos anteriores e desta vez primeiro que as de Madrid.

Quando há meses fizemos um rápido balanço à época finda, lembrámos a conveniência de este ano se começar mais cedo, evitando-se assim que a equipa nacional partisse para o país vizinho sem que que as suas montadas tivessem sido submetidas a provas de concurso, as quais, como se sabe, constituem o melhor treino.

O facto dos espanhóis terem marcado o seu concurso máximo de 5 a 16 de Junho, tornou possível abreviar o nosso, fazendo-o em data anterior, o que se nos afigura de grande interesse.

Se bem que os cavalos da equipa nacional estejam a ser devidamente trabalhados em Mafra, o Concurso de Lisboa dar-lhes-á magnífica oportunidade de melancioso treino, prova de exame muito a considerar.

na frente aumentava de cadência. Se chegaram no grupo da vanguarda, isso deve-se à marcha moderada que este manteve a partir da Ericeira, altura em que todos os favoritos principiam a pensar que só em Caneças e Carriche os ataques podiam surtir efeito.

Ordem de chegada. Eduardo Lopes, Lourenço, Jorge Pereira Mourão, Aristides, M. Rocha, João, «Faisca», todos com 5 h. 52 m. 5 s.; Túlio, Rebelo, David Silva e J. Ferreira.

As provas de amadores

Nas segundas provas dos campeonatos de amadores — 75 quilómetros contra-relógio, para júniores, e 100 quilómetros, também contra-relógio, para seniores — houve irregularidades, que em grande parte só podem culpar-se à organização. Ha que ter mais respeito pelo esforço dos atletas, não prejudicando uns e beneficiando outros, embora sem esse propósito, mas por negligência que só prejudicam a modalidade. Com mais espaço voltaremos a referir-nos a este assunto.

Resultados: Júniores — António Maria Júnior, em 2 h. 10 m. 1 s.; seguido de Catarino, Fialho, Maximiano e Domingos Jacinto. Seniores — Ernani Ribeiro, em 2 h. 52 m. 20 s., seguido de Tavares, Amândio Guilherme e Pinto Ribeiro.

Carlos Quadros fez 2 h. 43 m. 35 s., o melhor tempo, mas por erro de percurso, ao que parece, não é considerado vencedor.

GIL MOREIRA

O major Ivens Ferraz, delegado do Ministério da Guerra para os Concursos Hípicos oficiais, está dedicando a sua melhor atenção a tudo o que diz respeito à equipa nacional que nos representará em Madrid.

Assim, de 9 a 14 deste mês realizam-se as provas de treino e selecção para a «Taça de Ouro da Península» e de preparação para o Concurso Hípico da capital espanhola.

A esses treinos foram mandados comparecer os melhores cavalos militares, que serão montados pelos oficiais indicados pelo major Ivens Ferraz.

Sabemos que estão convocados os capitães Fernando Pais, Correia Barreto, Guedes Campos, Reimão Nogueira e Travassos Lopes; os tenentes Miranda Dias, Fernando Cavaleiro e Rhodes Sérgio; e os alferes Henrique Calado, Abrantes da Silva e José Moraes.

Este concursistas prestarão provas montando os cavalos «Ras», «Paiole», «Congos», «Xerez», «Desejado», «Belver», «Académico», «Basculho», «Ebro», «Selecto» e «Sado» e os melhores irlandeses — «Sagres», «Vougas», «Zuário», «Zézere», «Outão», «Alcoa», «Minde» e «Gaza».

No próximo número faremos referência aos treinos e daremos, se possível for, a constituição da equipa para a «Taça de Ouro da Península».

Um domingo de chuva e a festa da Páscoa provocaram uma pausa na realização dos «poules» que a Sociedade Hípica tem organizado.

A taça «Rodrigo de Castro Pereira» será ganha, como se sabe, pelo conjunto que obteve mais elevada pontuação, aproveitando-se para tal as duas melhores classificações mensais de cada cavaleiro.

Em Fevereiro, o «Montes Claros», com Henrique Vollmer, colocara-se à frente dos vencedores, com dois primeiros prémios a contar para a classificação geral, mas cedeu o lugar, em Março, ao «Kirscho», a nova montada do capitão José Beltrão, que com 73 pontos — mais dois que o «Montes Claros» — tomou a posição de favorito.

O «Barrufo», que D. Fernanda Leote tem apresentado em óptima forma, está em 3.º lugar, com 68 pontos, a cinco do 1.º, três do 2.º e um apenas do 4.º — o «Congos», magnífico cavalo do internacional Reimão Nogueira, que esta época promete ir longe.

É esta a classificação geral neste momento, com referência aos quatro mais premiados, mas como a diferença de pontos é mínima, também é fácil uma alteração — e difícil qualquer prognóstico.

As «poules» de Abril designarão o vencedor da «Taça «Rodrigo de Castro Pereira» — e por isso de ontem decorreu com extraordinário interesse.

O triunfo pertenceu a José Granate, que conduziu muito bem a «Inquiridora», realizando um

Benfica e Belenenses (A)

à frente, no campeonato de «juniors» da A. F. L.

A segunda fase do campeonato de juniors da A. F. L. começou no domingo. Como se esperava, o torneio redobrou de interesse, agora que a luta está limitada às seis melhores equipas das vites e três que aspiravam à conquista do título.

Caprichou o sorteio em que na primeira jornada desta fase da prova não se repetisse qualquer encontro das eliminatórias. Isto fez com que a expectativa aumentasse. Mas, um encontro se sobrepôs aos dois restantes em interesse. Foi o que colocou frente a frente os encarnados e os Fosforos. As duas equipas, no decorrer da primeira fase do torneio, haviam firmado tão claramente a sua superioridade que chegou a formar-se a ideia de que o título seria sempre de a pertencer a uma delas, como se as outras não tivessem valor para ganhar tão cobrada honra... De modo que o encontro disputado nas Salesias foi o n.º 1 da jornada.

Ganhou o Benfica (2-0). E ganhou bem, pois no decorrer da única partida que teve boas fases e se viu sem entado, os encarnados revelaram-se mais experientes e com equipa mais homogênea e igual de principio a fim. O Fosforos, talvez pelo notório cansaço que os jogadores denunciaram na segunda parte, cedeu bastante na fase final do desafio, deixando que o Benfica se impusesse então mais claramente.

Em S. Amaro, o empate (2-2) entre o Sporting e o Belenenses (B) parece ter surpreendido, ou melhor, decepcionado os «leões». Na verdade a equipa leonina não deu tão boa conta de si como se esperava, nem soube tirar partido do seu poder atlético, em relação ao adversário. Os «zuzus» foram mais animosos e merecem elogiosa referência, até porque na segunda parte estiveram reduzidos a 10 jogadores.

No Campo Grande, o Atlético foi derrotado (0-2) pelo «zuzus» principal dos «zuzus». Mas o resultado não convence facilmente. Os vencidos formaram equipa mais consciente e começaram a partida a jogar deliberadamente ao ataque. Um «goal» dos «zuzus», contra a corrente do jogo, seguido de outro na sequência de um canto — não em 5 minutos — pareceu ter influenciado no espirito dos alantarenenses. Depois, o Belenenses soube tirar bom partido da melhor combinação física dos seus jogadores.

D. D.

Uma crise jornalística

no Sport Lisboa e Benfica

Uma carta de Rebelo da Silva

DESTE nosso estimado e ditilino camarada de Imprensa recebemos uma curiosa carta, a propósito da entrevista que publicámos na semana passada, na qual consistia algumas opiniões postas e corer.

Devido à falta de espaço com que lutamos, somos forçados, embora contrariadamente, a guardar a sua publicação para o nosso próximo número, fazendo-o então na íntegra.

percurso sem faltas em 1 m. 26 s. 1/5. Com bom galope e saltando de boa vontade, a égua, que honra as coudelarias nacionais, arrancou uma vitória merecida.

E' justo assinalar a magnífica prova de «Jocosos» que, numa feliz reaparição, conseguiu «limpar» em 1 m. 2 s. 3/5 — bem conduzido por Barros e Cunha.

O capitão José Beltrão realizou uma excelente prova com o «Kirsh», mas uma recusa, onde menos se esperava, atirou-o para 3.º lugar, roubando-lhe a vitória nesta «poule», que certamente lhe pertence.

Fora de prémio, o tenente Joaquim Leote, no «Barrufo», fez-se aplaudir num belo percurso. Este oficial, montando o «Isento», ganhou mais uma vez um 1.º lugar para a taça «S. H. P.», na primeira prova disputada.

Assistiu às «poules» o sr. director geral de Desportos e muito público.

ANTAS TEIXEIRA

O Chelas F. C.

foi castigado pela A. F. L.

com suspensão de todos os seus direitos e regalias mas...

A notícia causou comprehensiva sensação no meio desportivo, tanto mais que saltou, do comunicado oficial n.º 43 da Associação de Futebol de Lisboa, para as colunas dos jornais. No entanto, o que à primeira vista parecia ter grande importância, dando margem a imerecidas suposições, resumese num simples descuido...

O que se passou foi simplesmente isto: O Chelas alinhou, no seu jogo de juniors com o Grupo Desportivo da C. P., cinco jogadores que não estavam inspecionados na A. F. L. Portanto, o Chelas incorria numa pena de multa. Por involuntária falta de um director que, novo no cargo, desconhecia o prazo legal para efectuar esse pagamento, a A. F. L., expirado esse prazo, applicou o artigo dos seus Estatutos correspondente à falta.

Só isto, — mas com o desgosto de o caso ter vindo oficialmente para o público.

Rapidamente tudo se solucionou e no passado domingo já o Chelas estava de posse de todos os seus merecidos direitos e regalias, tanto assim que disputou o seu jogo com o Belenenses, para a taça «Carlos Sobral».

Folgamos que tudo se tenha passado assim. Afinal, uma tempestade num copo de água... O Chelas viu-se por momentos apontado de suposta grande falta, mas ao desgosto da comunicação sobrepõe-se o gozoso de podermos informar da verdade do acontecimento. E o simpático Chelas em nada ficou diminuído na sua posição de valor e prestígio. Disso tinhamos a certeza — e acerrámos.

STADIUM e os clubes

O Atlético Clube de Portugal, campeão nacional da II Divisão, teve a gentileza de nos enviar um cativante officio, agradecendo as referências que temos feito à sua magnífica actividade.

Registamos gostosamente a attitude da esforçada colectividade e, com os melhores votos de progresso para o popular clube alantarense, de novo lhe oferecemos a nossa desinteressada colaboração de sempre.

Igualmente o Desportivo Clube de Arroios se nos dirigiu para agradecer as referências feitas à sua constante e progressiva actividade, referências que consideramos que haverem contribuído para divulgação do seu esforço.

Da mesma forma prometemos ao simpático clube que continuará a merecer à nossa revista a mesma attenção — que aliás conquistou com o seu labor.

CAMPISMO

«Festa da Primavera»

O Ateneu e o Campo de Ourique organizam, na noite de 5 para 6 de Maio, o acampamento «Festa da Primavera», para o qual se verificam já muitas adesões. Este acampamento está incluído no programa das festas comemorativas do 22.º aniversário do Campo de Ourique.

As adesões podem continuar a ser dirigidas aos organizadores, que oportunamente promoverão uma reunião das colectividades inscritas.

SEPARATA DÊSTE NÚMERO

Fotografia a cores do grupo de honra do

Sport Lisboa e Benfica

No próximo número continuaremos as separatas dos capitães dos grupos de futebol

INATAÇÃO

O «Torneio da Primavera»

organizado pelo S. A. Dafundo

A PENAS um torneio ficou a caracterizar o período de seis meses que mediou entre o encerramento oficial da época de 1944 à inauguração da de 1945 — o «Torneio da Primavera», organização do Sport Algés e Dafundo, sempre na brecha no que respeita a propagandar e estimular a bela modalidade da natção.

No referido torneio — que este ano teve a sexta edição consecutiva e que serve para aquilatar dos progressos conseguidos pelo treino regular e metódico durante o inverno — a actuação dos nadadores pode ser observada sob dois aspectos: o de conjunto, ou seja aquêle que está dentro do espirito do torneio, verdadeira prova de nadador completo, e o aspecto puramente individual.

Analisemos, pois, como actuarão algumas das mais representativas figuras do Sport Algés e Dafundo.

Lucília Angeja continua a ser

A MORTE DE MANUEL DA SILVEIRA

Na última semana tivemos o pesar de ver anunciada a morte de Manuel da Silveira, celebre atleta do Gimnásio Clube, que criou justificado renome com as assombrosas proezas de arterofilia, obtendo resultados de muito valor e pulverizando alguns «records» da modalidade.

A família enlutada e ao Gimnásio Clube apresentamos as nossas condolências.

IMPRENSA

Mundo Desportivo

Editado pela Empresa Nacional de Publicidade, começou a publicar-se na passada sexta-feira um novo tri-semanário — o «Mundo Desportivo» — que tem à sua frente o sr. Raul de Oliveira e que conta com a colaboração de todos os redactores de «Os Sports», que deixou de ser editado por aquela empresa.

Ao novo órgão desportivo, que se apresenta com aspecto gráfico cuidado e agradável, desejamos sinceramente vida longa e prospera.

Diário de Lisboa

Completo há dias mais um ano de publicação — o 24.º — o «Diário de Lisboa», nosso estimado colega de jornal, com o qual temos tido o prazer de manter as mais cordiais relações de camaradagem e o cujo corpo redactorial nos ligam estreitos laços de amizade.

Ao seu ilustre director, sr. dr. Joaquim Menso, apresentemos a nossa sincera homenagem, com os melhores desejos de felicitações no novo ano de trabalho agora encetado.

AS ESCOLAS DE REMO E VELA

do Club Naval de Lisboa

Reabrem brevemente as escolas de remo e vela do Club Naval de Lisboa, que funcionam na sede, no Cais do Gás.

Tentando fomentar o gosto pelos dois salutareos desportos, o C. N. L. isenta do pagamento de joia os sócios que admitir durante o mês corrente.

uma estrêla em pleno fulgor. Arquivou três vitórias, cada uma em seu estilo. Igualmente merecem citação Maria de Lourdes Teixeira Mendes, Maria Odette Gaioia e Fernanda Cunha.

Entre os iniciados, Guilherme Patrone brilhou, como era natural. Alcançou dois belos triunfos, nos 50 metros-costas (37,3 s.) e nos 50 metros-livres (30,4 s.)

Alfredo Jacinto Janardo, que continua a revelar-se bom especialista, triunfou bem nos 50 metros-brucos principiantes (37,8 s.), categoria em que se distinguiram Artur Malheiro da Silva, o vencedor da prova de costas (40,9 s.), e Manuel Morris, com um bom «tempo» nos 50 metros-livres — 30,6 s.

Entre os juniores e os seniores, três nomes nos aparecem em primeiro plano: Oscar Cabral, Agostinho Pessoa, Duarte e Rafael Eduardo Ramos. O primeiro, vencendo os 50 metros-costas em 36 s. — prova em que bateu Fernando

Leal — continua, como sempre, disposto a dar o seu esforço. Duarte é um especialista de brucos de boas possibilidades. Ramos triunfou muito bem nos 50 metros-livres. Os «tempos» falam por si: Rafael Ramos (30,2 s.), Oscar Cabral (30,3 s.) e José Cabral Junior (30,7 s.)

Estamos em Abril. A época chamada de inverno terminou, praticamente. As vistas deitam-se, agora, para de verão, para a temporada de natção ao ar livre. E que um «ar de graças» a proteja — que bem o merece...

CAMPISMO

Um aviso de interesse

Dentro em breve teremos o melhor período de actividade para os campistas — a Primavera. Se alguns se encontram ainda na necessidade de renovar o seu material, ou de o completar, devem dirigir-se desde já à Fábrica Portuguesa de Encerados, Lda., na rua do Vale de Santo António, 71 e 72, telefone 24685, ou rua do Cais de Santarém, 66, telefone 24085 — Lisboa — pois é a casa que melhor se especializou em tendas e todo o material para campismo.

Lêr no próximo número:

O CAMPO DE OURIQUE

vai dedicar-se do futebol

Uma entrevista com Benvido

Cardoso presidente do C. A. C. O.

Assine a STADIUM

Ano III — II Série — N.º 123
Lisboa, 11 de Abril de 1945

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração
T. Cidade João Gonçalves, 19, 5.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAFURA, LDA. — LISBOA



O Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo inaugurou a sua sede

1—A mesa de honra, presidida pelo dr. Ayaia Botto, inspector de desportos; 2—A equipa vencedora da taça «Ventura», disputada em tiro reduzido inter-sócios do Grupo; 3—Augusto Martins, conhecido elemento do Grupo, recebendo os seus prémios

ANIBAL MARQUES
dedicado presidente da Associação de Handball

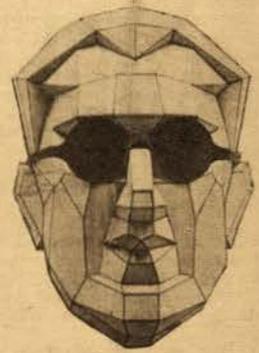
foi alvo de uma justa homenagem. A fotografia foca-o no seu agradecimento, no final do banquete que lhe foi oferecido.



Imagens da

CAPITAL DO NORTE

ESCRIMA: 1—Carlos Carrel, Luis Reimba e Manuel Neto, que constituem a equipa do Sport Club de Porto vencedora da taça «Adolfo Correia». **ATLETISMO:** 2—Coutinho Monteiro, do Académico, vencedor da «Légua de A. P. A.». **HANDBALL:** 3—No grande João F. C. Póvoa-Vilagosa. A defesa «sportista» defende-se vigorosamente. **CICLISMO:** 4—Império das Santos, do Salgueiros, campeão regional de independentes.



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1865
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2829 LISBOA